



lepé

**Documento Base
do Seminário**

**Experiências indígenas
em gestão e pesquisa
de patrimônios culturais
no Amapá e norte do Pará**

**Fortaleza São José de Macapá / Amapá
07 a 10 de novembro de 2005**

SEMINÁRIO

Experiências indígenas em gestão e pesquisa de patrimônios culturais no Amapá e norte do Pará

Fortaleza São José de Macapá / Amapá
07 a 10 de novembro de 2005

Realização:



Iepé

Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena

Colaboração:



Museu do Índio - Fundação Nacional do Índio



Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Apoio:

AER FUNAI - Macapá

Coordenadoria Geral de Estudos e Pesquisas - CGEP/FUNAI

Núcleo de História Indígena e do Indigenismo - NHII/USP

FUNDECAP do Governo do Estado do Amapá

Petrobrás Cultural

Organizações indígenas participantes:

AGM - Associação Galibi-Marworno

Apina - Conselho das Aldeias Wajãpi

APIO - Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque

APITIKATXI - Associação dos Povos Indígenas Tiriyó, Katxuyana e Txikuyana

APITU - Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque

APIWATA - Associação dos Povos Indígenas Wajãpi do Triângulo do Amapari

CCPIAW - Centro de Cultura dos Povos Indígenas Aparai e Wayana

PROGRAMAÇÃO

Domingo - 6 de novembro

Chegada dos representantes indígenas e dos representantes das instituições organizadoras. Os participantes do Seminário que não residem em Macapá serão hospedados no **Hotel Frota** (Rua Tiradentes, 1104 - Trem. Telefone 96 - 223 3999). A equipe do Iepé São Paulo estará hospedada na sede da entidade em Macapá (Rua Ataíde Teive, 525/altos - Trem. Telefone 96- 3223 2052/ 3223 7633).

Segunda feira - 7 de novembro

9 h00 - Abertura, pelas instituições organizadoras
9 h30 - Apresentação dos participantes e organização dos trabalhos
10h00 - Intervalo
10h30 - Mesa redonda: O que é patrimônio imaterial
12h00 - Almoço
14h00 - Grupos : experiências locais de inventário de patrimônio cultural
16h00 - Intervalo
16h30 - Apresentação dos grupos
17h30 - Avaliação dos resultados - indicação dos relatores
19h00- Jantar

Terça feira - 8 de novembro

9 h00 - Mesa redonda: A formação de pesquisadores indígenas
10h00 - Intervalo
10h30 - Grupos: avaliação de experiências e demandas locais de capacitação
12h00 - Almoço
14h00 - Apresentação dos grupos
16h00 - Intervalo
16h30 - Grupos: alternativas de formação e temáticas prioritárias
17h30 - Apresentação dos grupos
19h00 - Jantar

Quarta feira - 9 de novembro

9 h00 - Mesa redonda: A gestão do patrimônio por seus detentores
10h00 - Intervalo
10h30 - Grupos: experiências de gestão e projeções futuras
12h00 - Almoço
14h00 - Apresentação dos grupos
16h00 - Intervalo
16h30 - Discussão plenária: proteção dos conhecimentos tradicionais
17h30 - Fechamento da primeira etapa do Seminário
19h00 - Jantar

Quinta feira - 10 de novembro

9h30 - Apresentação dos resultados do Seminário para público convidado (mesa composta por representantes indígenas e instituições organizadoras).

Local do Seminário: Fortaleza São José de Macapá.
Telefone: 96- 3212 71107



PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO

Coordenação

Denise Fajardo Grupioni & Priscila Matta (*Iepé*)

Representantes Indígenas

O Seminário contará com a participação de cerca de trinta representantes indígenas, entre os quais pesquisadores em formação, professores, lideranças e dirigentes das seguintes organizações: AGM, APIO, Apina, APITU, APITIKATXI, APIWATA e Centro de Cultura dos Povos Indígenas Aparai e Wayana (CCPIAW).

Representantes do IPHAN

Márcia Sant´Anna - Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial

Tereza de Paiva Chaves - Departamento de Promoção de Patrimônio

Simone da Silva Macedo - Chefe da Sub-Regional do Amapá

Representantes da FUNAI

José Carlos Levinho - Diretor do Museu do Índio

Cláudio dos Santos Romero - Coordenador da CGEP

Mouzar Borges - AER Funai Macapá

Estela dos Santos - AER Funai Oiapoque

Frederico Miranda de Oliveira - Assessor da AER Oiapoque

Equipe do Iepé

Participarão do Seminário coordenadores de programas e assessores do Iepé de Macapá e de São Paulo, especialmente os coordenadores das atividades de valorização cultural desenvolvidas junto aos grupos indígenas da região (Lux Vidal, Marina Zacchi, Lúcia Hussak van Velthem, Dominique T. Gallois). A equipe do Iepé contará com a colaboração de Silvia Pellegrino (pesquisadora do NHII-USP).

Representantes de outras instituições parceiras

Vitória Santos dos Santos - SEPI

Eclêmilda Macial - NEI / SEED

Sergio Silva - Museu Kuahi

Karina dos Santos - OPIMO

Cássio Noronha I. de Sousa - PDPI/MMA

Márcio Sztutman - TNC Amazônia

Moderadora do Seminário

Dagmar Cremer

Elaboração do documento base

Denise Fajardo Grupioni & Dominique Tilkin Gallois

Coordenação administrativa e apoio logístico

Helena Lúcia Oliveira Sábato & Gabriela Menezes

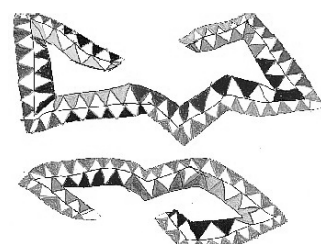
SUMÁRIO

Apresentação

1. O que é patrimônio cultural imaterial?
2. A formação de pesquisadores indígenas, voltada para a proteção e valorização de formas de expressão e conhecimentos tradicionais.
3. Difusão, gestão e controle do patrimônio cultural por seus detentores
4. Experiências de pesquisa, registro e gestão de patrimônios culturais indígenas no Amapá e norte do Pará.
 - 4.1 Experiências de valorização do patrimônio cultural wajãpi;
 - 4.2. Experiências de fortalecimento cultural em curso na região do Uaçá;
 - 4.3. Experiências de valorização cultural no Parque Indígena Tumucumaque e na TI Paru de Leste.

Anexos

1. Súmula do Projeto Iepé / Petrobrás
2. 1º Relatório de atividades do Projeto Iepé / Petrobrás
3. Programa Nacional de Patrimônio Imaterial / IPHAN
4. O Museu Kuahi dos Povos Indígenas do Oiapoque
5. Direitos autorais e de imagem
6. Algumas experiências de formação de pesquisadores indígenas



APRESENTAÇÃO

O *Ilepé* - Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena vem realizando um conjunto de ações educativas no Amapá e norte do Pará, voltadas à formação de pesquisadores indígenas, visando capacitá-los para a identificação, o inventário e a gestão de seus patrimônios imateriais.

Estas ações abrangem os grupos *Karipuna*, *Galibi-Kalina*, *Galibi-Marworno* e *Palikur* (das Terras Indígenas Oiapoque, Uaçá e Jumina), *Wayana*, *Aparai*, *Tiriyó* e *Katxuyana* (das Terras Indígenas Paru de Leste e Parque Indígena do Tumucumaque) e *Wajãpi* (da região do Amapari). Para o desenvolvimento deste trabalho, o *Ilepé* conta com a colaboração e o apoio de diversas instituições, especialmente do IPHAN, da Petrobrás Cultural e da FUNAI.

Entre as metas desse trabalho, em fase inicial de desenvolvimento, o *Ilepé* busca propiciar às diferentes comunidades a oportunidade de reflexões e avaliações críticas da relação que cada grupo mantém com suas próprias tradições e manifestações culturais. A capacitação para a gestão cultural sendo um processo necessariamente demorado, que deve considerar, em cada caso, experiências acumuladas, demandas e projetos de futuro de cada comunidade.

O Seminário “*Experiências indígenas em gestão e pesquisa de patrimônios culturais no Amapá e norte do Pará*” visa proporcionar um encontro entre os representantes das comunidades locais envolvidas nestas ações, seus assessores e colaboradores para a troca de idéias sobre formas de registro, proteção e gestão de patrimônios culturais por seus próprios detentores.

Os participantes indígenas, em cerca de trinta, irão apresentar e debater ações de inventário, valorização e difusão de conhecimentos tradicionais e manifestações culturais, em andamento em suas comunidades, assim como suas respectivas demandas e experiências de gestão para a proteção desses patrimônios.

Os representantes das instituições envolvidas na organização do evento - *Ilepé*, IPHAN e Museu do Índio - FUNAI - serão responsáveis pelo repasse de informações e de instrumentos adequados ao

aprimoramento das formas de gestão cultural de interesse das comunidades indígenas da região.

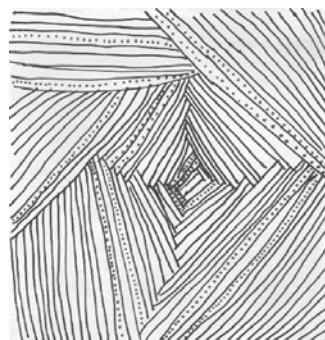
Também são convidados a participar do evento, representantes de algumas instituições governamentais e não governamentais que atuam diretamente em ações educativas nas áreas indígenas da região.

O seminário está organizado em duas partes: a primeira, com duração de três dias, estará restrita aos participantes acima descritos, para uma programação conduzida por um moderador, incluindo grupos de trabalho e sessões em plenária.

Durante a primeira etapa do Seminário, serão discutidos três temas principais:

1. O que é patrimônio cultural imaterial?
2. A formação de pesquisadores indígenas
3. A gestão do patrimônio imaterial por seus detentores

A segunda etapa ocorrerá no último dia, quando relatores indígenas e organizadores do evento irão apresentar os resultados do Seminário com o objetivo de sensibilizar e informar agentes governamentais e não governamentais que atuam direta ou indiretamente nas áreas indígenas do Amapá e norte do Pará, especialmente professores, técnicos de saúde, estudantes e pesquisadores interessados, que serão convidados para essa apresentação.



1. O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL?

De alguns anos para cá, cada vez mais ouvimos falar em patrimônio cultural, patrimônio imaterial, em preservação, valorização e fortalecimento cultural. De onde vêm essas falas e o que querem dizer estas palavras?

Em parte, vêm das mudanças ocorridas no Brasil e no mundo, ao longo das últimas décadas, em favor da promoção de um convívio mais respeitoso e pacífico dos diferentes países entre si e de cada um deles com suas culturas locais. Mas a preocupação com a valorização dessas culturas locais também vem da mobilização e organização de diferentes grupos sociais que cada vez mais reivindicam o direito de manterem suas formas próprias de expressão cultural.

Todas estas formas de expressão, que envolvem saberes, conhecimentos, jeitos de fazer, de pensar e de dizer próprios de cada povo, são consideradas patrimônios culturais.

Na maior parte dos países do mundo, a preservação de patrimônios culturais é uma preocupação já bastante antiga. Mas, durante muito tempo, os governantes deram mais importância à preservação de objetos, prédios e diversos tipos de construções históricas, ou seja, à preservação de tudo aquilo que podemos chamar de ‘patrimônio cultural material’, que é visível aos nossos olhos e que podemos tocar.

Porém, o que dizer de todo o patrimônio cultural que não se encontra materializado em nenhum objeto, mas que se expressa por meio das mais diferentes manifestações orais e visuais e que se encontra apenas na memória de seus detentores? Isto é o que chamamos de Patrimônio Cultural Imaterial.

De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura) em 17 de outubro de 2003:

Entende-se por ‘patrimônio cultural imaterial’ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas -

junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

*O patrimônio cultural imaterial inclui:
práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas
junto com os
instrumentos, objetos, artefatos e lugares
que lhes são associados.*

Com esta definição de Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela UNESCO e assinada pelos governos dos mais de cem países que fazem parte desta organização internacional, abriu-se um caminho novo para a proteção de conhecimentos e expressões culturais tradicionais.

*O patrimônio cultural imaterial se transmite
de geração em geração,
sendo constantemente recriado
e gerando um sentimento de identidade e de continuidade.*



2. A FORMAÇÃO DE PESQUISADORES INDÍGENAS PARA A VALORIZAÇÃO CULTURAL

O que é cultura?

Cultura é o jeito particular de cada grupo ou comunidade, de conhecer e de explicar tudo que existe no mundo.

Como cada povo tem um jeito próprio de conhecer e de explicar, também tem seu próprio jeito de fazer as coisas.

Por exemplo, se um grupo indígena tem seu jeito de curar as doenças é porque conhece as doenças, conhece os jeitos de curar e de cuidar da saúde das pessoas. Se cada comunidade tem seu próprio jeito de fazer roças, plantar, construir casas, cozinhar, casar, cuidar dos filhos, é porque aprendeu a conhecer estes jeitos e não outros.

Atrás de cada um desses “jeitos”, ou “práticas” culturais, há ricos conhecimentos tradicionais, que não são apenas técnicas, são sobretudo modos de classificar as coisas no mundo, modos de pensar sobre o mundo, enfim, idéias próprias de cada grupo que, em sua diversidade, revelam a imensa capacidade criativa das culturas.

Conhecer é o primeiro passo para proteger uma cultura

Mas o que fazer quando percebemos que as novas gerações estão se distanciando cada vez mais dos valores e dos conhecimentos tradicionais?

E o que fazer quando escutamos dos mais velhos que, por causa deste distanciamento, eles não estão mais conseguindo transmitir aos jovens tudo o que antes era transmitido oralmente de geração em geração?

Como podem os mais jovens ter idéia da riqueza de seus patrimônios culturais se não os conhecem ?

Uma forma de ir atrás dos conhecimentos que não estão sendo repassados às gerações atuais como deveriam, é a **pesquisa**.

A pesquisa é um dos modos de se buscar conhecimentos.

Durante muito tempo os povos indígenas do mundo inteiro foram pesquisados pelos não-indígenas: antropólogos, lingüistas, historiadores, biólogos e outros. O antropólogo, por exemplo, é um tipo de pesquisador interessado em conhecer as culturas dos mais diferentes povos. Existem escolas de formação de antropólogos, assim como de todos os tipos de pesquisadores.

Até hoje, a maioria dos antropólogos são não-índios. Mas de um tempo para cá os antropólogos deixaram de pesquisar apenas as culturas dos outros povos e passaram a pesquisar também as suas próprias culturas. E os outros povos, que antes eram pesquisados, agora começam a se preocupar em se tornarem capazes de realizarem suas próprias pesquisas.

Os trabalhos de pesquisa realizados por qualquer pesquisador iniciante - índio ou não-índio - precisam ser orientados e avaliados por pesquisadores já formados. O pesquisador iniciante também deve receber apoio - quando necessário - de especialistas nos diferentes assuntos que estarão sendo pesquisados.

É importante saber que, para ser formador de pesquisadores - seja entre os Wajãpi, Tiriyo, Katxuyana, povos indígenas do Oiapoque ou em qualquer outro lugar - é preciso ter muita experiência. Isso quer dizer que o formador precisa conhecer o modo de pensar e de viver da turma de pesquisadores que estiver formando.

Em janeiro de 2005, foi realizado o 1º Encontro de Pesquisadores Wajãpi promovido pelo *Iepé*, com apoio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Neste encontro, foram

tratados vários aspectos do tema pesquisa (o que é, para que serve, como se faz).

A turma de 20 jovens pesquisadores conversou, pensou, discutiu bastante sobre o assunto e chegou à seguinte definição sobre por que é importante fazer pesquisa:

Fazer pesquisa é importante porque nós queremos aprender a nossa história, para não perder o conhecimento e a cultura.

*A pesquisa é importante para ajudar a organizar o conhecimento e também para comparar com o jeito de viver de outros grupos.
Fazer pesquisa é importante para ensinar na escola.*

A pesquisa serve para ajudar na política, para explicar nosso conhecimento para os Karai kō e para explicar bem para os caciques.

A pesquisa serve para aprender a explicar bem para os Karai kō que trabalham com os Wajãpi, para diminuir o preconceito e para defender os interesses dos Wajãpi.

A pesquisa serve para ensinar e transmitir os conhecimentos para os filhos e netos no futuro.

Quem faz pesquisa produz conhecimento sobre o assunto pesquisado. Este conhecimento precisa ser registrado para que o pesquisador não esqueça e possa divulgar o que aprendeu.

Algumas das formas de **registro** são: a fotografia, a filmagem, a gravação do som (de uma fala, um canto, uma festa), a escrita, o desenho, etc. O registro é uma forma de **guardar** imagens, falas, histórias, conhecimentos, para o futuro. Assim, registros podem ajudar a lembrar e auxiliar a **memória**.

Uma outra coisa boa sobre os registros é que, junto com as falas orais, e com os conhecimentos transmitidos em casa, os registros ajudam as **crianças e jovens** a valorizar os aspectos de sua cultura para o **futuro**.

3. DIFUSÃO, GESTÃO E CONTROLE DO PATRIMÔNIO CULTURAL POR SEUS DETENTORES

O conhecimento tradicional é melhor preservado quando escondido ou “trancado”?

Ou ele se fortalece quando é mostrado, explicado, traduzido e defendido pelos seus detentores?

Organizando bem os registros, separando tudo que foi registrado por data, aldeia, autor, tema, pode-se guardar os materiais que já existem e materiais novos, que vêm sendo produzidos pelos pesquisadores indígenas, sempre organizados.

Com a organização dos registros num inventário, pode-se explicar e comunicar a muita gente os diferentes aspectos da cultura de um povo. Um registro permite explicar alguma coisa que aconteceu (através de uma foto ou vídeo, por exemplo), ou mostrar o que alguma pessoa falou (através da gravação de uma fala). É bom também porque se pode ouvir uma mesma narrativa contada por pessoas diferentes, de jeitos diferentes. Ajuda a comparar os aspectos de uma mesma cultura.

O registro é importante também porque é uma forma de comprovar aspectos da cultura como sendo de propriedade e autoria de um grupo. Assim pode-se **impedir que outras pessoas utilizem imagens, desenhos, conhecimentos** sem a autorização do grupo.

O inventário serve para **garantir o espaço da cultura de cada povo** no mapa das culturas do mundo, de forma que quando as pessoas ouvem uma fala, ou vêem uma foto ou um vídeo de algum grupo indígena, elas vão saber **quem é “dono” daquele registro** e não vão achar que são “índios”, simplesmente, mas que foram os membros daquele grupo específico, Karipuna, Wayana ou Kayapó, por exemplo, que produziram aquilo.

Trata-se de **garantir a propriedade ou o direito autoral** de um saber ou uma prática. Assim, as pessoas não podem se apropriar, não podem usar uma imagem, um desenho, uma fotografia, a gravação de uma fala, sem a autorização de quem produziu aquilo ou de quem está registrado ali.

Com isso, aumenta o controle da comunidade sobre seu patrimônio, para que **ninguém use materiais próprios de um grupo em benefício próprio**. Ao mesmo tempo, os registros e inventários permitem que se divulgue a riqueza dos conhecimentos, das expressões culturais, dos jeitos de viver de cada povo.

Um **inventário de saberes** é constituído pela seleção (escolha) e registros dos saberes de um grupo, organizados por tema, local, data, autor, etc, e segundo uma ordem, para ficar fácil de encontrar o que se procura.

Assim, um inventário de saberes de um grupo depende do **registro de conhecimentos e expressões culturais** daquele grupo e da organização de todo esse material.

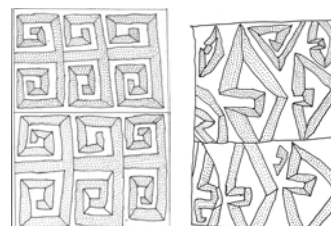
Os conhecimentos

*são saberes específicos de um grupo,
como a língua, as histórias do tempo dos antigos,
os conhecimentos sobre as plantas da roça e da floresta, etc.*

As expressões culturais

*são as maneiras de cada grupo de fazer as coisas do seu próprio
jeito: como construir as casas, como fazer as festas, como cozinhar,
como pintar, etc.*

Organizando bem os registros de aspectos de sua cultura, os povos indígenas do Amapá e norte do Pará poderão sempre ter acesso aos materiais que já foram produzidos, poderão produzir outros, poderão administrar seu patrimônio cultural e continuar a preparar os jovens para fazer novas pesquisas de sua própria cultura.



4. EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA, REGISTRO E GESTÃO DE PATRIMÔNIOS CULTURAIS INDÍGENAS NO AMAPÁ E NORTE DO PARÁ

Desde a sua fundação, em 2002, com apoio de várias instituições, o *Ilepé* deu início a um programa de ações educativas junto aos *Wayana*, *Aparai*, *Tiriyó*, *Katxuyana* (no norte do Pará), *Wajãpi*, *Karipuna*, *Galibi-Kalinã*, *Galibi-Marworno* e *Palikur* (no Amapá), para a valorização dos patrimônios imateriais dessas comunidades.

Garantir e potencializar o reconhecimento aos detentores de técnicas e saberes tradicionais, mantendo a qualidade e peculiaridade de suas variadas formas de criação e transmissão de conhecimentos, são as metas dos programas de formação que o *Ilepé* desenvolve com apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, do Museu do Índio - Funai e do Projeto “*Valorização e gestão de patrimônios culturais indígenas*”, financiado pela Petrobrás Cultural.

Essas ações têm por objetivo garantir a participação ativa e o controle dessas comunidades nas iniciativas de difusão de suas expressões culturais. A possibilidade de conduzir levantamentos e registros e de aprender a controlar sua difusão permite que esses grupos se reconheçam como efetivos detentores de patrimônios imateriais diversificados, que eles desejam aprender a gerir em acordo com interesses próprios.

Outras instituições governamentais e não governamentais também vêm atuando nessa região na linha de proteção e difusão de acervos culturais indígenas e, no que segue, apresentamos um apanhado geral das experiências mais recentes neste sentido.

4.1 Experiências de valorização do patrimônio cultural wajãpi

As primeiras oficinas de desenho - 2000/2001

Em 2000 e 2001, foram realizadas oficinas de desenho em várias aldeias. Essa atividade resultou na preparação de *banners* para as exposições itinerantes “*Roças, pátios e aldeias Wajãpi*” e “*Pintura corporal e arte gráfica kusiwa*”, organizadas pelo Programa Wajãpi e Apina.

Capacitação em produção áudio-visual

Essa capacitação vem sendo realizada pelo Programa Wajãpi com assessoria da equipe da Anthares Produções desde 2000, e será incrementada nos próximos anos com apoio da Petrobrás Cultural, visando o registro áudio-visual das formas de expressão gráficas e orais dos Wajãpi.

Através de oficinas de periodicidade variável, um grupo de quinze jovens e adultos está sendo capacitado para que possam atuar como cinegrafistas e técnicos de som ou na direção de documentários. Alguns materiais experimentais produzidos nas oficinas já circulam pelas aldeias, e outros estão em fase de finalização

A exposição “Tempo e espaço na Amazônia: os Wajãpi” 2001/2005

A proposta de realizar uma exposição que apresentaria não só a cultura material dos Wajãpi, mas sobretudo suas formas de pensamento e seus conhecimentos, foi feita pelo Diretor do Museu do Índio, José Carlos Levinho, diretamente aos Wajãpi, em 2001. Após várias reuniões com a equipe do Museu e do NHII-USP, os Wajãpi se mobilizaram, com apoio dos jovens que dirigem o Conselho das Aldeias / Apina. Produtores de todas as aldeias prepararam mais de 300 objetos e todos os materiais para construir uma casa nos jardins do Museu. Escolheram as pessoas que foram ao Rio de Janeiro para construir a casa, outras que

orientaram a montagem da mostra e os músicos para a festa de abertura.

Projeto Documentação Wajãpi: Memória para o futuro 2003/2005

Sob responsabilidade do NHII/USP e financiado pela FAPESP. Este projeto permitiu organizar todo o material reunido por Dominique T. Gallois ao longo dos últimos 25 anos, fazer cópias e preparar bancos de dados que serão utilizados pelos Wajãpi. A íntegra dos materiais etnográficos sistematizados através deste projeto ficará sob responsabilidade do Apina, que possui os direitos de difusão desse material.

O acervo conta com mais de 100 narrativas orais, 300 peças de arte gráfica (desenhos em papel), 4000 fotogramas e cerca de 160 horas de registros em vídeo. Alguns professores bilíngües e pesquisadores wajãpi em formação participaram da organização do material e definiram a estrutura de um banco de dados bilíngüe, que deve facilitar o acesso aos materiais.

"Plano integrado de valorização dos conhecimentos tradicionais para o desenvolvimento sócio-ambiental sustentável da comunidade indígena Wajãpi do Amapá" - 2004/2010

Este plano foi aprovado pela UNESCO no contexto do registro das "Expressões gráficas e orais dos Wajãpi do Amapá" como patrimônio imaterial da humanidade, em 2003. O plano inclui atividades que interessam aos Wajãpi e que devem ser realizadas ao longo dos próximos 5 a 6 anos.

Uma parte dessas ações já está sendo executada pelo Programa Wajãpi/Iepé, em parceria com o Conselho das Aldeias Wajãpi - Apina. Vários parceiros, em particular o IPHAN e a Petrobrás Cultural, viabilizaram os trabalhos, que contam também com a colaboração do Museu do Índio/FUNAI, do NHII da Universidade de São Paulo, do NEI da Secretaria de Educação do Governo do Estado do Amapá.

O plano compõe-se de um conjunto de ações voltadas para o público externo - especialmente aos múltiplos agentes que trabalham com comunidades indígenas da Amazônia - e de ações

voltadas à revitalização interna das formas de expressão gráfica e oral praticadas pelos Wajãpi.

Em sua componente externa, as principais ações previstas são as seguintes:

- ✓ Campanhas de sensibilização e de informação locais e nacionais;
- ✓ Sistematização de dados etnográficos e lingüísticos existentes, assim como a organização de arquivos audiovisuais existentes pelas instituições concernidas;
- ✓ Difusão do patrimônio imaterial dos Wajãpi do Amapá e de outros grupos indígenas brasileiros.

As atividades previstas para garantir a revitalização interna das formas tradicionais de produção e transmissão de conhecimento podem ser assim resumidas:

- ✓ Diagnóstico permanente do processo de revitalização da cultura oral dos Wajãpi do Amapá;
- ✓ Continuidade das atividades de formação de professores, agentes de saúde, documentaristas, cinegrafistas e pesquisadores wajãpi;
- ✓ Continuidade da implantação de um plano de gestão de recursos naturais do território dos Wajãpi do Amapá fundamentado na valorização do conhecimento e das práticas de manejo tradicionais;
- ✓ Realização, pelos pesquisadores e documentaristas wajãpi, em formação e com assistência da equipe científica e técnica, de inventários das formas de expressão tradicionais, assim como dos saberes complementares e da enunciação dessas formas de expressão culturais;
- ✓ Implantação do Centro de Documentação e Formação Wajãpi (ver adiante).

Levantamentos e registros realizados pelos Wajãpi

Atualmente, cerca de 40 jovens e adultos Wajãpi estão diretamente envolvidos na realização de levantamentos e pesquisas de seus conhecimentos e formas de expressão cultural.

- ✓ Cada um dos **professores veteranos** tem uma pesquisa em andamento. A formação de professores indígenas bilíngües, conforme estabelecido pelo MEC, exige que esses professores se tornem “**pesquisadores de sua cultura**”, para que possam contribuir adequadamente à construção de um currículo escolar adequado à realidade e aos interesses de suas comunidades. Por isso, no curso de formação desenvolvido pelo Iepé em parceria com a SEED, há uma carga horária de pesquisa e os professores devem apresentar um relatório com os resultados de seu trabalho até dezembro de 2005. Para essas pesquisas, fizeram registros da música, das narrativas da criação, dos conhecimentos sobre a roça, as árvores, a culinária, etc... (10 pesquisas)

- ✓ Os alunos das **oficinas áudio-visuais** também realizaram registros em vídeo de falas, festas e atividades nas aldeias (6 alunos).
- ✓ Outros jovens estão participando de uma pesquisa coletiva, sobre caça, como atividade do **Projeto PDPI** (8 pessoas, além de participantes da turma de pesquisadores e professores veteranos).
- ✓ A nova turma de **pesquisadores**, que iniciou suas atividades em 2005, também está realizando pesquisas (20 pessoas). Cada um selecionou um assunto, ou tema, que lhe interessa pesquisar e começou a estudar esse assunto com os mais velhos. O pesquisador anota e escreve seus dados e assim, está aprendendo a fazer registros dos saberes e das práticas dos Wajãpi. Nas oficinas de pesquisa, esses registros são discutidos, complementados e organizados. Juntamente com os instrutores das oficinas, os pesquisadores decidem como sistematizar os registros e como utilizá-los, dentro e fora das aldeias.

Ainda falta muito para construir um inventário do patrimônio imaterial wajãpi. Isso porque **o inventário não é só um conjunto de registros.**

A realização de ações de formação que viabilizam o engajamento dos Wajãpi nessas pesquisas e inventários contou com apoio do IPHAN, que financiou o Primeiro Encontro de Pesquisadores Wajãpi, e prossegue com apoio do Projeto Petrobrás. Um projeto pedagógico específico para a formação desses pesquisadores, que terão cursos de português, matemática, antropologia, lingüística, metodologia de pesquisa e informática, foi elaborado pela equipe de formadores do Programa Wajãpi/Iepé, que se responsabiliza pelos cursos, complementados pelas oficinas e encontros de pesquisa.

Instalação do Conselho Consultivo do Plano de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial dos Wajãpi do Amapá - 2005

No dia 15 de julho de 2005, na cidade de Macapá, ocorreu a instalação e primeira reunião deste Conselho, que inclui representantes das seguintes instituições:

- Conselho das Aldeias Wajãpi - Apina
- Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN /MinC
- Núcleo de História Indígena e do Indigenismo - NHII / USP
- Museu do Índio - FUNAI
- Núcleo de Educação Indígena do Amapá - NEI/SEED/AP
- Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena - Iepé

Centro de Documentação e Formação Wajãpi - 2006

Este Centro será construído na Terra Indígena, em local escolhido pela comunidade, com apoio financeiro da Petrobrás. O projeto arquitetônico do Centro foi desenvolvido em 2005 através de oficina e encontros com os Wajãpi; a finalização desse projeto executivo contou com apoio do IPHAN e do Programa Wajãpi / Iepé. A construção do Centro está prevista para 2006.

4.2 Experiências de fortalecimento cultural em curso na região do Uaçá e Oiapoque

A implantação do Museu Kuahi, na cidade de Oiapoque (*)

O Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque - Kuahi possui infraestrutura e equipamentos para desenvolver adequadamente todas as atividades de um museu contemporâneo. Tem duas salas para exposições, permanentes e temporárias, um auditório, salas de material de consulta bibliográfica e audiovisual, com seus respectivos acervos, salas de pesquisa e de atividades pedagógicas, além de uma loja para venda de objetos indígenas.

Uma importante função do Museu é a realização de múltiplas atividades, projetos, oficinas e cursos que visam proporcionar uma comunicação permanente entre as aldeias, o município e o Estado do Amapá e, principalmente, incentivar o intercâmbio com outros povos indígenas, instituições acadêmicas, museus nacionais e internacionais e organizações sócio-ambientais.

O Museu Kuahi é, provavelmente, o único museu no mundo administrado somente por índios. Possui um gerente Karipuna, um subgerente Galibi-Marworno, um subgerente Karipuna. Cerca de outros 17 indígenas de ambos os sexos vêm sendo capacitados em museologia desde 2001, para trabalharem nesse museu, com apoio das instituições parceiras dos Povos Indígenas do Oiapoque.

(*) Informações extraídas do site www.povosindigenasdooiapoque.com.br
Ver também, na parte de Anexos deste Documento Base, o texto de Lux Vidal

O Projeto Resgate Cultural dos Povos Indígenas do Oiapoque (*)

Após um longo período de desvalorização das culturas indígenas da região por parte da sociedade envolvente e dos próprios índios, as quatro etnias presentes no Oiapoque (Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi Kalinã e Palikur) decidiram propor um projeto de resgate de aspectos de sua cultura material e imaterial ameaçados de esquecimento. O objetivo da proposta é valorizar e resgatar práticas de produção de artesanato em desuso por cada etnia e incentivar a transmissão de conhecimentos dos mais velhos às gerações mais novas. Este projeto vem somar esforços e contribuir com a construção e implementação do Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque, idealizado pelos índios e apoiado pelo NHII-USP e pelo Governo do Estado do Amapá. Esse projeto, iniciado em julho de 2004, vem sendo executado pela APIO, com apoio financeiro do PDPI/MMA.

(*) Informe disponibilizado pelo PDPI

A formação de Agentes Agroflorestais indígenas (*)

Desde novembro de 2003, 17 aldeias das TIs do Oiapoque começaram a contar com o apoio dos Agentes Ambientais Indígenas para a gestão dos seus recursos naturais. A formação destes Agentes, que já estão sendo chamados de AAI, conta com o apoio financeiro e técnico da TNC, que trabalha em parceria com a APIO.

A idéia de se ter AAIs no Oiapoque surgiu no *II Seminário de Sustentabilidade Econômica e Ambiental dos Povos Indígenas do Oiapoque*, realizado em fevereiro de 2003. Nesse encontro, dois Agentes Agroflorestais do povo Kaxinawá, do Estado do Acre, explicaram o tipo de trabalho que desenvolvem nas suas aldeias, em parceria com a CPI-Acre. Muitas lideranças do Oiapoque ficaram entusiasmadas com a idéia de terem Agentes também em sua região.

A atuação dos AAIs até o momento tem sido voltada para o monitoramento da caça e para a discussão da implantação de um programa de comercialização de óleos pelas comunidades indígenas. Muitos AAI também têm atuado em parceria com os Agentes de Saúde para trabalhar a questão do lixo em suas aldeias. Estão previstos ainda cursos de produção de mel de abelhas sem

ferrão, produção de mudas de árvores e sistemas de plantio, legislação ambiental e direito indígena, além de outros. O aprendizado dos AAls corresponde às necessidades ambientais das aldeias do Oiapoque.

Atualmente, os AAls recebem uma bolsa de estudo para o estímulo de seu aprendizado. No futuro, a idéia é conseguir um reconhecimento do Estado para sua atuação profissional, através reconhecimento dos benefícios que os AAls trazem para suas comunidades e para o meio ambiente.

(*) Texto de Márcio Sztutman / TNC Amazônia, extraído do site www.povosindigenasdooiapoque.com.br

As Oficinas do Projeto Iepé - Petrobrás

Em 2005, foram realizadas duas Oficinas de *Formação de Pesquisadores Indígenas e Gestores do Patrimônio Cultural*, que contaram com a participação de várias aldeias situadas na BR-156. As oficinas foram coordenadas por Lux Vidal e contaram com a assessoria de Francisco Paes, de Marina Zacchi e de Ugo Andrade.

Essas duas primeiras Oficinas - de um total de 4 a serem realizadas até 2006 - tiveram como meta estimular o controle de ações e projetos voltados à cultura, por parte das comunidades locais. Seu principal objetivo é contribuir a um programa mais amplo e demorado de formação e capacitação comunitária, para que os próprios índios sejam os autores das propostas de trabalho envolvendo a questão cultural.

Nessas atividades realizadas, foi importante oferecer informações sobre a noção antropológica de cultura, considerando a necessidade dos pesquisadores em formação de lidarem com as diferenças culturais a fim de melhor perceberem alguns elementos de suas próprias culturas.

As Oficinas permitiram explicar detalhadamente questões de cultura e de patrimônio, a partir de exemplos sugeridos pelos participantes, nas diferentes aldeias entre as quais os instrutores iam se deslocando.

No decorrer dos trabalhos, foi iniciado um levantamento sistemático de aspectos do patrimônio material e imaterial.

Durante a segunda Oficina, os participantes realizaram o levantamento dos grafismos utilizados em cada uma das aldeias, de seus significados e suportes materiais.

Por ocasião da 2ª Oficina, algumas atividades foram realizadas no Museu Kuahi. A opção por trazer os pesquisadores indígenas em formação para o museu, para nele desenvolverem atividades voltadas à pesquisa com suas culturas reforçou o futuro papel do Museu como centro de produção e preservação dos conhecimentos tradicionais dos diferentes grupos da região, além de possibilitar um contato direto dos participantes com esse espaço dos Povos Indígenas do Oiapoque, na cidade.

4.3. Experiências de valorização cultural no Parque Indígena Tumucumaque e TI Paru de Leste

Projeto “Resgate da Cultura Oral Aparai” - 1995/1998

Com o objetivo de revitalizar a cultura oral Aparai e promover a formação de professores indígenas multilíngües Wayana e Aparai, através da elaboração de um atlas histórico e de dois livros sobre a história destes povos, o governo do Amapá, a APITU, o Instituto Cultural Brasil Alemanha e a FUNAI firmaram um convênio que viabilizou, de 1995 a 1998 a consultoria de Manfred Rauschert para o acompanhamento destes trabalhos.

Criação do Centro de Cultura dos Povos Indígenas Aparai e Wayana - CCPIAW

Este Centro é fruto de um projeto de resgate da cultura oral, voltado para ações de revitalização das tradições culturais, produção de material de divulgação, bem como criação de um acervo bibliográfico e artesanal, além de ações de difusão das culturas destes grupos junto aos não-índios.

Elaboração do “Mapa para a Preservação da Terra, dos Rios, e da Floresta, pelos Índios do Tumucumaque: Apalai, Wayana, Tirió e Kaxuyana” - 2002 (*)

Este projeto de “Mapeamento Cultural das Terras Indígenas do Tumucumaque e Rio Paru D'Este” foi desenvolvido no decorrer do ano de 2002 com base em um convênio assinado pela Amazon Conservation Team (ACT) com a FUNAI, com a APITU, PPTAL e comunidades das Terras Indígenas do Tumucumaque e Rio Paru D'Este. O convênio visava uma ação voltada para a promoção da gestão ambiental, defesa territorial, afirmação das identidades indígenas e para o fortalecimento das tradições orais. A ACT forneceu assistência técnica e financeira às equipes de pesquisadores indígenas que se envolveram na execução deste.

(*) Informação extraída do site www.actbrasil.org.br

Projeto Ponte entre Povos (*)

O Projeto Ponte entre Povos iniciou-se no ano de 2001, sob a coordenação de Marlui Miranda, visando o início de um trabalho de valorização da música indígena por meio da pesquisa, registro e difusão do acervo musical dos grupos indígenas do Tumucumaque (Aparai, Katxuyana, Tiriyo, Wayana) e, paralelamente a construção de um conhecimento mútuo de musicalidades diferentes: a música indígena e a música erudita, bem como de aproximação da música indígena com o universo artístico mais amplo. Também fazem parte deste projeto os índios Palikur da fronteira do Amapá com a Guiana Francesa e os estudantes da Escola de Música Walkiria Lima, da Associação Musical Primavera de Macapá. Esta iniciativa foi apoiada pelo Governo do Estado do Amapá, na gestão de J. A. Capiberibe, pelo SESC/SP e Ministério da Cultura - MINC .

(*) Informação extraída do site www.ponteentrepovos.com.br

Projeto “Valorização e gestão de Patrimônios Culturais Indígenas no Amapá e norte do Pará” - 2005/2006

Este projeto, sob responsabilidade do Iepé, inclui ações educativas voltadas a todos os grupos indígenas do Amapá e norte do Pará (ver também em outras partes deste Documento, as atividades realizadas no Uaçá e na TI Wajãpi).

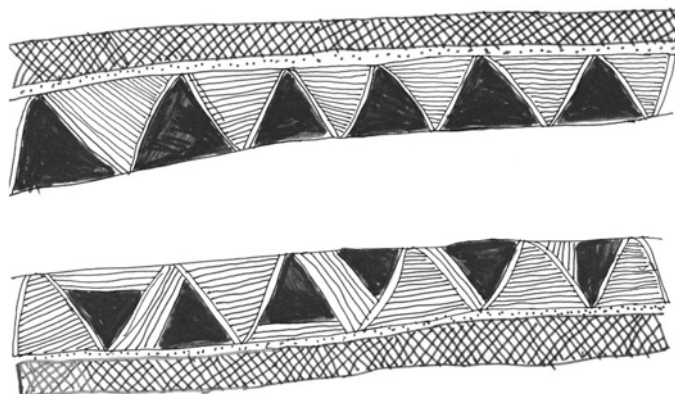
No caso dos grupos Aparai, Wayana, Tiriyo e Katxuyana serão realizadas ao todo quatro oficinas de documentação de saberes orais e manifestações artísticas, em 2005 e 2006. Estas oficinas reúnem jovens e adultos interessados em iniciar-se na pesquisa e

na gestão dos acervos de conhecimentos tradicionais e das manifestações artísticas de cada um dos grupos procedentes de várias aldeias. Jovens e adultos de cada um dos grupos serão capacitados a realizar a identificação e reconhecimento de formas específicas de expressão artística e técnica de significação e expressão locais, antigas e contemporâneas.

A metodologia aplicada segue os parâmetros culturais e os interesses de cada grupo. O levantamento de conhecimentos veiculados oralmente resultará num registro documental, sob diferentes formas e materiais, que possibilite sua caracterização formal e aplicabilidade instrumental. Tal sistematização documental de formas de expressão selecionadas pelos participantes indígenas proporcionará a organização de inventário de conhecimentos sobre as manifestações artísticas e os saberes orais associados, que poderão gerar materiais de referência impressos ou em outros suportes.

ANEXOS

1. Súmula do Projeto *lepé* / Petrobrás
2. 1º Relatório de atividades do Projeto *lepé* / Petrobrás
3. Programa Nacional de Patrimônio Imaterial / IPHAN
4. O Museu Kuahi dos Povos Indígenas do Oiapoque
5. Direitos autorais e de imagem
6. Algumas experiências de formação de pesquisadores indígenas em outros estados



Ilustrações

Páginas 4,7,10 e 32. Padrões kusiwarã Acervo NHII/Apina
Página 17. Desenhos produzidos na Oficina Missão Tiriyo